

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Luana Marcello Serrano

**A Influência da Aparência
Corporal nas Aulas de Educação
Física: uma reflexão a partir da
pesquisa bibliográfica.**

Campinas
2007

Luana Marcello Serrano

**A Influência da Aparência
Corporal nas Aulas de Educação
Física: uma reflexão a partir da
pesquisa bibliográfica.**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares

Campinas
2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

Se68i Serrano, Luana Marcello.
A influencia da aparência corporal nas aulas de educação física: uma reflexão a partir da pesquisa bibliográfica / Luana Marcello Serrano. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador(a): Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação Física. 2. Imagem corporal. 3. Beleza física. 4. Estética.
I. Tavares, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

Luana Marcello Serrano

**A Influência da Aparência Corporal nas
Aulas de Educação Física: uma reflexão a
partir da pesquisa bibliográfica.**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Luana Marcello Serrano aprovado pela Comissão julgadora em: 26/11/2007.

Maria da Consolação Gomes Cunha
Fernandes Tavares
Orientador

Renata Lobo Catusso
Banca Examinadora

Campinas
2007

Dedicatória

*Dedico este trabalho ao meu pai Odival Serrano Júnior,
à minha mãe Rosana Rocha Marcello e ao meu irmão
Caio Marcello Serrano.*

Agradecimentos

Primeiramente agradeço aos meus pais por proporcionarem todos esses anos de estudo desde meus primeiros anos de vida até a conclusão da graduação, o apoio e o reforço educacional e afetivo.

Agradeço aos amigos que conquistei e preservei durante esta caminhada, tanto da Faculdade de Educação Física, quanto às companheiras de casa e aos amigos mais antigos, os quais guardam minhas origens e minha história. Aos que participaram de cada momento de angústia, ansiedade, alegria e conquista.

À minha família e meu irmão que sem perceber contribuíram para cada passo.

Ao meu namorado Guilherme por aguentar os transtornos emocionais e trazer mais luz ao meu caminho.

À minha orientadora, professora Consolação, pelos ensinamentos, contribuições, paciência e disposição.

À todos os professores que contribuíram para meu crescimento profissional e pessoal.

E a Deus, por tudo e todos que tenho em minha vida.

SERRANO, Luana Marcello. **A influência da Aparência Corporal nas Aulas de Educação Física**: uma reflexão a partir da pesquisa bibliográfica. 2007. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

Aparência corporal implica informação básica e imediata que influencia as relações com estranhos e com os próprios amigos, familiares e professores. Por isso a importância de estudar suas causas e conseqüências. No ambiente escolar, e principalmente durante as aulas de Educação Física estão muito presentes as comparações de um corpo com o outro. Nas aulas de Educação Física a aparência dos alunos pode influenciar, por exemplo, a visão do professor sobre a capacidade do aluno, a escolha das atividades a serem desenvolvidas, a expectativa de êxito dos alunos e seus sentimentos. Em nossa pesquisa consideramos o desenvolvimento da imagem corporal, assim como as perspectivas culturais, sociais e históricas. As quais interferem na Imagem Corporal e são interferidas por ela. O objetivo desta pesquisa é apresentar uma reflexão com base em conhecimentos atuais e sistematizados sobre a influência da aparência corporal nas aulas de Educação Física, a partir da pesquisa bibliográfica.

Palavras-Chaves: Aparência Física/Aparência Corporal; Beleza; Estética; Satisfação Corporal; Imagem Corporal; Educação Física.

SERRANO, Luana Marcello. **The Affects of Physical Appearance in Lessons of Physical Education**: a reflexion from the bibliographic research. 2007. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

Physical appearance requires immediate and basic information that affects relations with strangers and with own friends, family and teachers. Hence the importance of studying it's causes and consequences. In the school environment, and mainly during the lessons of Physical Education are very present comparisons of a body with the other. In the lessons of Physical Education student appearance can influence, for example, the vision of the teacher on the ability of the student, the choice of activities to be developed, the expectation of success of the students and their feelings. In our research believe the development of body image, as well as the prospects cultural, social and historical. Which influence in the body image and are influenced by it. The goal of this research is to provide a discussion based on systematic and current knowledge, about the influence of body appearance in lessons of Physical Education from the bibliographic research.

Keywords: Physical Appearance/Body Appearance; Beauty, Esthetic; Satisfaction Body; Body Image; Physical Education.

LISTA DE GRAFICOS

- Gráfico 1: Quantidade de artigos encontrados nas Bases de Dados Scopus e Web of Science no intervalo de tempo 1980 a 2007 utilizando a palavra-chave appearance (aparência). 18**
- Gráfico 2: Quantidade de artigos encontrados nas Bases de Dados Scopus e Web of Science no intervalo de tempo 1980 a 2007 utilizando a palavra-chave “Physical Appearance” (aparência física). 18**
- Gráfico 3: Quantidade de artigos encontrados nas Bases de Dados Scopus e Web of Science no intervalo de tempo 1980 a 2007 utilizando a palavra-chave beauty (beleza). 19**
- Gráfico 4: Quantidade de artigos encontrados nas Bases de Dados Scopus e Web of Science no intervalo de tempo 1980 a 2007 utilizando a palavra-chave esthetic (estética). 19**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Web of Science utilizando a palavra-chave “Physical Education” e appearance.	19
Tabela 2: Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Web of Science utilizando a palavra-chave “Satisfaction body”	20
Tabela 3: Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Scopus utilizando as palavras-chave “Physical Education” e appearance	20
Tabela 4: Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Scopus utilizando as palavras-chave “Physical Education” e beauty	21
Tabela 5: Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Scopus utilizando a palavra-chave “Satisfaction body”	21

SUMÁRIO

1 Apresentação	10
2 Introdução	11
3 Metodologia	13
4 Resultados e Discussão	16
4.1 Apresentação do número de publicações	16
4.2 A Aparência Corporal	22
4.2.1 Corpo	22
4.2.2 Imagem Corporal	26
4.2.3 Mídia e Sociedade	30
4.2.4 Satisfação Corporal e Ideais de Beleza	33
4.3 A Aparência Corporal na Escola e na Educação Física	36
5 Considerações Finais	46
6 Referências Bibliográficas	47
Anexos	52

1 Apresentação

Ao ingressar na graduação meu conceito de Educação Física era simples, resumido e pontual. Meus objetivos com o curso ainda eram indefinidos e sem traço. A relação com meu próprio corpo não passava de um processo mecânico, não muito preocupado com a saúde. Considerava a prática de atividade física uma necessidade psicológica relacionada à elementos estéticos.

As responsabilidades começavam a aumentar, já que estava morando sozinha, distante da base familiar. Entretanto, a vivência acadêmica me acrescentava experiências profissionais e pessoais inestimáveis. Com meu amadurecimento as prioridades se modificaram, me tornando uma pessoa mais crítica.

Eu e todos os meus colegas de curso estávamos em meio a um processo educacional, no qual percebíamos que nem mesmo aqueles que estavam nos ensinando eram os donos da verdade. Diariamente, durante longos semestres, em meio às controvérsias, discussões e dúvidas um profissional se moldava. Afinal, se não houvesse dúvidas aí é que estava o problema.

O conceito de Educação Física se tornava cada vez mais complexo e abrangente. Com o passar do tempo me deparei com diversas áreas de atuação de meu interesse. Passei por um processo gradual de transformação e amadurecimento. Fui percebendo que somente as aulas presenciais (como no Ensino Fundamental e Médio, por exemplo) não eram o bastante para uma formação completa. A partir desse momento, procurei pesquisar temas de meu interesse e praticar o que estava aprendendo na faculdade.

Na prática e na vida me deparei com os paradigmas relacionados a Educação Física, como a aparência corporal do profissional. Sempre acreditei e defendi a idéia de que um professor de Educação Física não precisaria ter um porte atlético, seguir um ideal de beleza social ou ser um atleta para ser um bom profissional.

E assim, entre tantos ideais me aproximei da “imagem corporal” através da professora Consolação, durante meu estágio no CECOM trabalhando com Ginástica Laboral na Universidade Estadual de Campinas. Pude perceber a distância entre as pessoas e as atividades

físicas, os milhares de problemas posturais, ortopédicos e patológicos da população, o conceito superficial de corpo e de aparência corporal inseridos.

Em meio a muitas conversas, discussões e leituras optei por pesquisar a aparência corporal na escola visto que crianças e adolescentes, cada vez mais, se preocupam e deixam influenciar suas relações sob um olhar cultural de busca da beleza.

A aparência corporal me parece um tema muito relevante para um professor de Educação Física refletir e crescer profissionalmente, porém de maneiras diferentes. Qualquer um dá importância e se deixa influenciar pela aparência das outras pessoas. O tratamento e a aproximação ao próximo variam conforme o que uma pessoa percebe sobre a aparência da outra. Assim como, qualquer pessoa se preocupa com a própria aparência com diferentes graus de prioridade.

Meu objetivo com esta monografia é acrescentar um perfil teórico que possa ser aplicado à prática dos profissionais. Entretanto, na elaboração desta pesquisa, sem dúvidas, sou eu a maior beneficiária pelo aprendizado adquirido e pelas reflexões.

Todo o nosso processo de viver contextualiza-se nesse paradoxo: por um lado, a possibilidade de transformarmos o mundo com nossa atuação como seres originais que somos, por outro, agimos de forma a nos integrarmos a uma ordem social estabelecida anteriormente a nós mesmos. (TAVARES, 2003, p. 83-84, grifo nosso).

2 Introdução

Aparência corporal implica informação básica e imediata que influencia as relações com estranhos e com os próprios amigos, familiares e professores. Por isso é importante estudar as causas e conseqüências da aparência.

Nas aulas de Educação Física a aparência dos alunos pode influenciar, por exemplo, a visão do professor sobre a capacidade do aluno, a escolha das atividades a serem desenvolvidas e a expectativa de êxito dos alunos.

Na atualidade, a aparência tem sido estudada pelas áreas de psicologia e sociologia. Existem poucas pesquisas que abordam o tema voltado para a formação do profissional de Educação Física. Entretanto, este profissional precisa estar preparado para lidar de forma mais aprofundada com este assunto.

O tempo que o professor de Educação Física passa com cada classe pode ser muito escasso, uma ou duas aulas por semana de cinquenta minutos cada uma, por exemplo. A mais forte relação de comunicação é realizada através das expressões corporais e atitudes entre o aluno e o professor. A maioria das vezes o ideal de conhecer cada aluno fica distante da realidade.

Cabe ao professor prestar atenção e perceber como está lidando com as questões ligadas à sua relação com os alunos a partir da aparência corporal destes, do que os alunos demonstram ao professor pela própria aparência, pois o professor não pode compactuar com os tratamentos e estigmas já inseridos numa turma. Precisa ter a percepção se está atendendo todos os alunos levando em conta a individualidade de cada um, seja uma pessoa considerada bonita, de porte “atlético”, obesa, magra ou feia.

Na prática, os professores são seres humanos e estão sujeitos a criar afinidades e preferências entre os alunos. Ele precisa ter conhecimento sobre estas questões para que estas não influenciem de forma inadvertida o andamento das aulas ou reforce os estigmas relacionados à beleza ou a aparência do corpo.

No ambiente escolar, e principalmente nas aulas de Educação Física estão muito presentes as comparações de um corpo com o outro. Além disso, diversos aspectos como o

cabelo, as roupas, o tamanho corporal, a raça, o sexo são elementos socialmente definidos mediando as relações.

Acreditamos que conhecimentos sobre a aparência corporal podem contribuir para uma reflexão dos profissionais de Educação Física sobre as diversas relações humanas presentes durante as aulas, considerada um momento muito especial ao "contato" com outros corpos. A palavra contato neste contexto não expressa apenas o físico, o corporal. Nas aulas de Educação Física os corpos, com todos os seus significados, estão expostos em suas fragilidades. Suas potencialidades estão escancaradas e sujeitas aos mais diversos sentimentos e julgamentos.

O objetivo desta pesquisa é apresentar uma reflexão com base em conhecimentos atuais e sistematizados sobre a influência da aparência corporal nas aulas de Educação Física.

No próximo capítulo apresentaremos a metodologia. As bases de dados consultadas e os critérios de seleção dos artigos.

No capítulo seguinte traremos os resultados da pesquisa, os quais estarão divididos em dois itens: no primeiro os resultados da pesquisa bibliográfica sobre o assunto e no segundo as reflexões.

Nas considerações finais procuraremos apontar os aspectos essenciais que foram elucidados nesta pesquisa.

Registramos as referências bibliográficas no último capítulo.

3 Metodologia

A pesquisa bibliográfica foi o procedimento metodológico utilizado para construir uma base de conhecimentos atuais e sistematizados sobre a influência da aparência corporal nas aulas de Educação Física.

A revisão das bibliografias pesquisadas tratou-se de uma leitura acompanhada de anotações e fichamentos com o objetivo de conhecer, analisar e interpretar as diversas publicações científicas e contribuições culturais sobre o tema. Ou seja, recolher informações e conhecimentos criando condições de reflexão, crítica e possível utilização prática dos conhecimentos adquiridos.

As fontes procuradas foram: periódicos, livros, teses, dissertações, revistas, sites, entre outros. Inicialmente, realizamos leitura de livros buscando uma visão geral sobre o tema. A internet foi uma ferramenta que permitiu o acesso em nível nacional e internacional, excelente fonte bibliográfica.

Longe de substituir a forma tradicional de pesquisar um determinado assunto fisicamente nas bibliotecas, a nova forma de acessar as informações tende a complementar aquela maneira clássica (LÜDORF apud TACHIZAWA, MENDES, op. cit., p.77).

O trabalho de revisão bibliográfica iniciou-se por pesquisas na internet nas seguintes bases de dados: Web of Science, Scopus, Scielo, Bireme (Biblioteca Virtual em Saúde), Acervus (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP), Dedalus (Universidade de São Paulo – USP), e Athena (Universidade do Estado de São Paulo - UNESP).

O acesso às duas primeiras bases é restrito a assinantes. Portanto, a pesquisa foi realizada na Faculdade de Educação Física da UNICAMP através do site www.unicamp.br/bc pelo link *Bases de Dados*.

No levantamento das fontes bibliográficas, primeiramente, privilegiamos temas mais amplos e, posteriormente, buscamos detalhes mais precisos e condizentes ao tema escolhido. Para melhor restringir nossa pesquisa buscamos artigos de 1980 até 2007. Por meio do

cruzamento das palavras-chave observamos maior aproximação dos artigos consultados com o tema da pesquisa.

Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: aparência física/aparência corporal, beleza, estética, satisfação corporal, imagem corporal, Educação Física.

A base de dados Web of Science tem caráter multidisciplinar e informações científicas de três bases: Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, Arts & Humanities Citation Index®. Foi necessário citar as palavras em inglês, os resultados mais numerosos estão representados nos resultados, por meio de gráficos. O mesmo foi feito em relação aos dados da base Scopus. Multidisciplinar, a Scopus cobre o conteúdo da base Medline. Os resultados da pesquisa referem-se a artigos exclusivos da Scopus e da Web (páginas com conteúdo científico).

A Scopus mostrou-se a base de dados mais organizada, em termos de procura por data, limitação de assunto por área de pesquisa e diversidade de meios de busca (detalhamento da pesquisa).

Já a Bireme, de acesso público (não necessária a assinatura, assim como Acervus, Dedalus, Athena e Scielo), incluindo Brasil e América Latina reúne as seguintes bases de dados da área de saúde: Lilacs, Medline, Adolec, BBO, BDNENF, Hisa, Leyes, Medcarib, Repidisca, OPAS, Wholis e Desastres.

As bases Acervus (UNICAMP), Dedalus (USP) e Athena (UNESP), que incluem teses e dissertações das universidades paulistas, possuem definições parecidas e mais próximas à realidade conhecida do estudante de graduação.

Utilizamos alguns livros referentes à imagem corporal e aparência corporal dos autores Cash, T.F. (*Body Images: Development, Deviance, and Change*, 1990) e Tavares (*O Dinamismo da Imagem Corporal*, 2007 e *Imagem Corporal – conceito e desenvolvimento*, 2003). Entre outras consultas presentes nas referências bibliográficas, contendo discussões sobre o corpo, conceitos pedagógicos, reflexões culturais e políticas etc.

Como critério para a seleção quantificamos os artigos a partir de 1980. Consideramos que, a partir de 1995, um número muito grande de trabalhos foram encontrados e então priorizados para a leitura. Para obter resultados mais precisos nas pesquisas fizemos cruzamentos entre as palavras chaves.

Nas diversas bases de dados, os cruzamentos mais utilizados foram Educação Física e aparência, Educação Física e beleza, Educação Física e estética, imagem corporal e aparência, imagem corporal e beleza, imagem corporal e estética, Educação Física e imagem corporal.

Para selecionarmos os artigos que seriam lidos completamente ou apenas extraídas as idéias principais e considerado quantitativamente como resultado fizemos as leituras dos resumos, levando em conta a proximidade com o tema da pesquisa e as possíveis contribuições nas discussões em paralelo com o tema.

A partir das leituras dos resumos selecionamos alguns artigos e realizamos suas leituras na íntegra. Fizemos fichamentos sistematizados, expondo, organizando e discutindo as principais idéias dos textos.

4 Resultados e Discussão

4.1 Apresentação do número de publicações

Neste capítulo demonstraremos os resultados das pesquisas, em uma primeira parte a quantificação e evolução de publicações com o tema entre 1980 e 2007, através de gráficos e tabelas. Lembrando que a partir de 1995 selecionamos os artigos que seriam lidos. Na segunda parte dos resultados apresentaremos as principais idéias e discussões do trabalho.

O resultado das pesquisas, através do cruzamento das palavras chaves, permitiram que lêssemos os resumos e, assim, selecionássemos os artigos conforme os critérios já citados na metodologia. A partir de 1995, lemos e fichamos 10 artigos em português completos, lemos 24 resumos de artigos em inglês; fichamos partes principais de 8 livros, procuramos reportagens de revistas e consultamos alguns trabalhos acadêmicos.

Porém, percebemos que não há muitos trabalhos relacionando a aparência corporal com a Educação Física, tão pouco com a Educação Física Escolar. Nas pesquisas encontradas o tema estava mais ligado às academias de ginástica, a exercícios físicos com fins estéticos ou de saúde, à reflexões sobre o corpo, entre outros. Devido ao pouco conteúdo recorremos à alguns livros com temas relevantes para a pesquisa. Pois achamos que somente os artigos não eram suficientes para uma boa reflexão sobre o tema.

Fizemos os fichamentos dos livros de Tavares (2007) *O Dinamismo da Imagem Corporal e Imagem Corporal – conceito e desenvolvimento*, e de Castilho (2001) *A Imagem Corporal*. Nos quais tratam o tema da imagem corporal que será discutido mais à frente.

Consideramos as bibliografias do autor Thomas Cash muito relevantes para a consulta e contribuição no trabalho. O livro mais utilizado do autor foi *Body Images: Development, Deviance, and Change* (1990).

Utilizamos textos dos livros: *Conversando com o corpo* (BRUHS, 1986), o texto de KOFES, *E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala*; e *Século XXI: a era do corpo ativo* (MOREIRA, 2006), o texto de Daolio (2006), *Corpo e identidade*.

E por fim consultamos os livros, *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação* (CHARLOT, 1983) e *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea* (SANT'ANNA, 2005).

Dos vinte e quatro artigos consultados nenhum deles correspondia especificamente ao tema da aparência no contexto da Educação Física. Já alguns dos artigos nacionais discutiam mais pontualmente o tema da aparência e da adolescência relacionados à Educação Física.

Em artigos internacionais percebe-se que a aparência corporal é muito citada em diversos temas tanto escolar quanto médicos, nutricionais e esportivos, mas não como o tema central e específico da pesquisa. Por outro lado artigos relacionados somente a questões da aparência, beleza, estética e a busca de seus ideais, ligados à imagem corporal não foram consideravelmente encontrados, assim como pesquisas relacionadas à antropologia, sociologia e filosofia, levando em conta aspectos culturais, sociais e históricos da aparência.

Com relação aos temas das pesquisas (nacionais e internacionais) o fitness e os esportes estiveram mais presentes nos resultados, considerando assim, mais um motivo para que nossa pesquisa, relacionada à área escolar, contribua com reflexões sobre a imagem corporal. A psicologia também esteve muito presente relacionando a motivação, criatividade, estímulo para participar das aulas, auto-estima, depressão, insatisfação com a aparência (comparação entre homo e heterossexuais, por exemplo), entre outros.

Encontramos trabalhos como, por exemplo: avaliar a satisfação corporal de homens e mulheres, comprovando o maior descontentamento feminino com o corpo; pesquisar públicos específicos de um país ou região e as tendências de atividades motoras dos sexos relacionando com as transformações sócio-econômicas (tendência de maior passividade do sexo feminino e maior estrutura motivacional do masculino); muitas pesquisas analisando e considerando as habilidades motoras (palavra muito utilizada), assim como o talento, o relacionamento com os outros e as funções mentais; considerar a psicopedagogia como suporte e motivadora para desenvolver potenciais, melhorar a auto-estima e as competências sociais; analisar casos de anorexia e bulimia em atletas, as disfunções nutricionais como uma “epidemia silenciosa” e discutir sobre as tarefas do professor (orientador) de Educação Física; estudo em escola pública sobre as influências das variações corporais (raça e gênero) na participação das aulas de Educação Física; orientação, motivação e disciplina foram palavras muito encontradas

em relação aos comandos e postura do professor (didática), discriminações, entre outros; apontando a competência, autonomia, aparência física, orientação e familiares como influenciadores da motivação intrínseca.

Os artigos de Cash, T.F. selecionados traziam temas sobre a busca da aparência perfeita, o desenvolvimento de esquemas corporais, avaliações da imagem corporal, evoluções e efeitos da atratividade física, psicoeducação, mudanças da imagem corporal, além do livro já citado.

Os cruzamentos das palavras chaves permitiram um maior detalhamento e especificação da pesquisa. Alguns resultados são apresentados nos gráficos e tabelas a seguir.

Gráfico 1

Quantidade de artigos encontrados nas Bases de Dados Scopus e Web of Science no intervalo de tempo 1980 a 2007 utilizando a palavra-chave appearance (aparência).

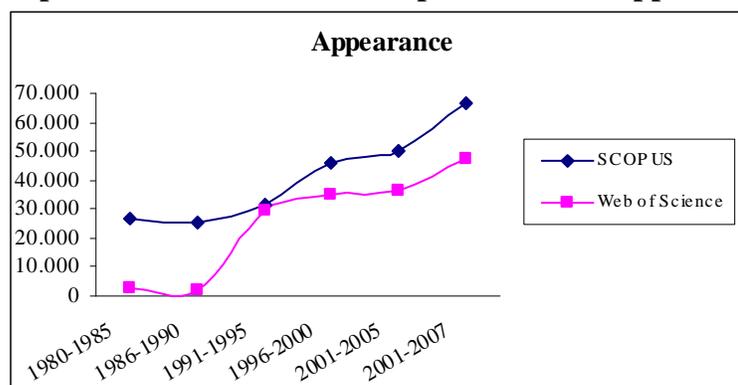


Gráfico 2

Quantidade de artigos encontrados nas Bases de Dados Scopus e Web of Science no intervalo de tempo 1980 a 2007 utilizando a palavra-chave "Physical Appearance" (aparência física).

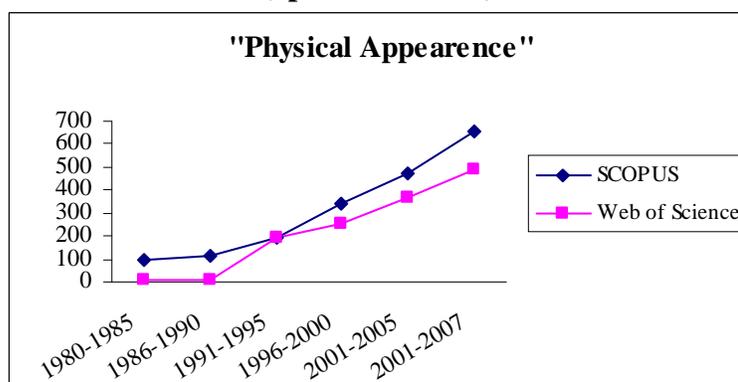
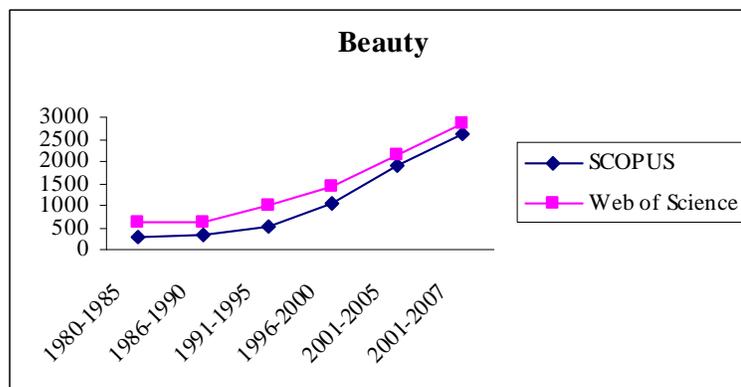
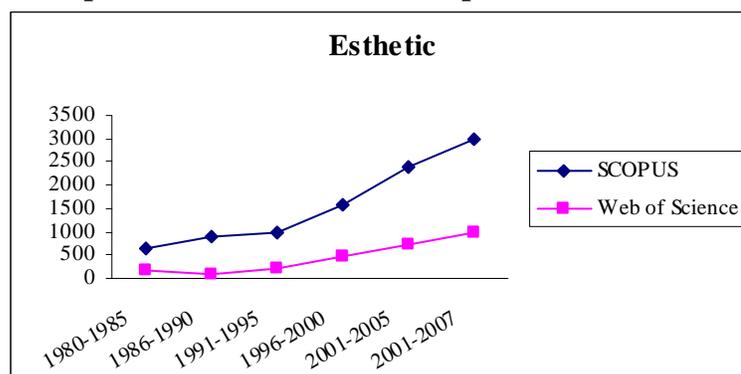


Gráfico 3

Quantidade de artigos encontrados nas Bases de Dados Scopus e Web of Science no intervalo de tempo 1980 a 2007 utilizando a palavra-chave beauty (beleza).

**Gráfico 4**

Quantidade de artigos encontrados nas Bases de Dados Scopus e Web of Science no intervalo de tempo 1980 a 2007 utilizando a palavra-chave esthetic (estética).

**Tabela 1**

Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Web of Science utilizando a palavra-chave "Physical Education" e appearance.

Ano de publicação	Quantidade de artigos
1997	1
1998	3
1999	3

Tabela 2
Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Web of Science utilizando a palavra-chave “Satisfaction body”

Ano de publicação	Quantidade de artigos
1992	1
1993	1
1994	1
1998	1
1999	1
2001	1
2002	2
2003	1
2004	1
2005	2
2006	1
2007	1

Tabela 3
Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Scopus utilizando as palavras-chave “Physical Education” e appearance

Ano de publicação	Quantidade de artigos
1980-1985	5
1986-1990	3
1991-1995	15
1996-2000	12
2001-2005	10
2006-2007	8

Tabela 4
Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Scopus utilizando as palavras-chave “Physical Education” e beauty

Ano de publicação	Quantidade de artigos
1988	1
2001	2

* sem aspas em Physical Education 16 referências

Tabela 5
Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Scopus utilizando a palavra-chave “Satisfaction body”

Ano de publicação	Quantidade de artigos
1971	1
1986	1
1988	1
1990	1
1991	2
1992	3
1993	1
1999	1
2002	2
2004	2
2005	1
2006	1

Nos intervalos das pesquisas com relação às datas (cinco anos), pode-se perceber claramente a evolução quantitativa de trabalhos contendo as palavras-chaves relacionadas ao tema do trabalho. As escalas dos gráficos estão diferenciadas, relativas à quantidade de resultados encontrados. Na última data de referência dos gráficos somou-se o intervalo de 2001 até 2005, 2006 e 2007.

Aparência mostrou-se a palavra com maior abrangência, pois várias outras áreas de pesquisa a utilizam com outro sentido, por exemplo, engenharias, medicina, enfermagem, área agrícola, artes, entre outros. Por isto a importância do cruzamento de palavras, que é apresentado na forma de tabelas, devido ao menor número de referências encontradas e maior especificidade.

Na próxima parte apresentaremos as principais discussões e reflexões sistematizadas do trabalho.

4.2 A Aparência Corporal

4.2.1 Corpo

Falar sobre Educação Física, Imagem Corporal e aparência corporal nos remete à refletir sobre as concepções de corpo e as relações deste com o mundo.

“O corpo concretiza nossa existência. Através dele percebemos, somos percebidos e interagimos com o mundo que nos cerca”. (CASTILHO, 2001, p.03)

Betti (2004) afirma que o corpo é uma construção cultural. Portanto depende da história de cada indivíduo, do meio social no qual está inserido, de suas vivências e experiências corporais. Falar sobre o corpo pode ser muito complexo e abrangente.

Falar do corpo é falar de um espaço multidisciplinar, porque se pode falar dele a partir de muitas perspectivas. O corpo é lugar dos determinismos e condicionamentos biológicos, cada vez mais evidentes com os avanços da medicina, da biotecnologia e da genética - é o viés biologicista; o corpo é expressão do psiquismo, e portanto, como descobriram muitos psicoterapeutas, o corporal pode ser via de acesso ao psíquico - é o viés psicologista; o corpo é também matéria na qual se inscrevem as marcas das classes e grupos sociais - é o viés sociologista. (BETTI, 2004).

No texto *Corpo e identidade*, Daolio (2006) apresenta e discute algumas concepções de corpo segundo quatro autores: Marcel Mauss, Clifford Geertz e José Carlos Rodrigues, Jurandir Freire Costa.

Para Mauss (2003) “O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem (...) o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico”. O corpo pode ser considerado um instrumento e um meio de linguagem, de contato com o mundo, de expressão e comunicação.

Segundo Geertz (1989) o corpo faz parte do conjunto de manifestações e padrões sociais, identificando e dando sentido aos seres humanos. Para ele, o corpo é entendido como totalidade humana compondo um conjunto simbólico próprio da condição humana.

Já para José Carlos Rodrigues o corpo é “(...) o mais natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui” (1983, p.47). O autor faz um diálogo entre Natureza e Cultura (orgânico e social). Traz o homem como possuidor de um corpo. Talvez a partir dessa idéia pareça que o corpo já está pronto para que o homem desfrute dele, do concreto, separado de suas transformações e construções. Daí a idéia do biológico, do material.

Por fim, Jurandir Freire Costa afirma que:

[...] o ser humano mudou a relação com seu corpo, fato que não pode ser descolado das grandes transformações socioculturais e econômicas ocorridas nos últimos séculos. Essa relação vem se transformando cada vez mais em um verdadeiro culto ao corpo, em verdadeira obsessão pela forma e pela saúde, chegando ao que ele denomina de uma “hipocondria cultural. (COSTA, 2004, p.131 – grifo nosso).

A partir destes olhares percebemos que não há como discutir o corpo, as técnicas corporais e a motricidade humana sem considerar os fatores culturais. Segundo DAOLIO (2006), conforme a incorporação da dimensão simbólica ao conceito de cultura todas as pessoas são consideradas ativas construtoras de significados.

Por isso a importância de considerar o corpo como um elemento importante da expressão da cultura e o outro como indivíduo que possui cultura, na qual não pode ser quantificada ou qualificada.

Atualmente, o corpo humano é marcado por constantes transformações que parecem tentar superar o biológico. Segundo Russo (2005), os milhares de desejos de mudança induzem o indivíduo a não aceitarem sua própria imagem e “para manter ou transformar esse corpo, o indivíduo vê-se frente a infinitos apelos”.

Manipulado e comercializado de forma intensa, o corpo deixa de ser natural e torna-se ‘produzido’. A forma natural deixa de ser ideal. O corpo original adquire demérito estético em função do corpo construído pela ginástica, cirurgias e outros artifícios. Ocorre um silenciamento sobre o corpo natural sempre muito falho na perspectiva dos discursos sobre beleza e saúde. O que se visibiliza é o corpo transformado. (SOUZA, 2004, p.207).

Daí a idéia de padronização dos corpos, universalização dos padrões, perda da individualidade. O indivíduo pode gostar de algo, ter preferências, porém corre o risco de estar fora dos padrões sociais.

Diferentes tipos de corpos foram formados e transformados ao longo da história. A cultura influencia e é influenciada pelas mudanças na sociedade.

O artigo *Será o corpo obsoleto?* de Gaya publicado em 2005 divide algumas definições de corpo: o corpo expressivo (“o bom selvagem”), o corpo híbrido (que utiliza próteses artificiais), o corpo modificado (desprezado, mutilado), o corpo biônico (uma máquina manejável pela tecnociência, mais competente e capaz).

Gaya (2005) afirma que, de acordo com as idéias pós-humanistas, criam-se tecnologias para fazer o que o corpo não consegue mais realizar (talvez quebrar recordes?). Idéia de substituir-se, mudar, transformar, tornar-se outro. Possibilidade de transgredir através da tecnologia buscando a aceitação e a formação da identidade.

Perguntam-se a qualquer pessoa: gostaria de mudar algo em você? O que? Quase todas respondem que sim, e em relação a alguma parte do corpo.

No estudo de Damasceno, Lima e Vianna (2005) realizou-se avaliações morfológicas e o conjunto de silhuetas proposto por Stunkard, para analisar o tipo físico ideal e a insatisfação corporal em praticantes de caminhada. “As mulheres apresentaram um nível de insatisfação corporal semelhante ao dos homens” (76% e 82% respectivamente), apesar do resultado se confrontar com outras pesquisas citadas pelo autor. Observamos essa conclusão também nas experiências cotidianas nas quais convivemos com muitas mulheres insatisfeitas e relativamente mais cobradas para terem um “corpo perfeito”. A pesquisa concluiu que a maioria dos indivíduos estão insatisfeitos com seu corpo e poucos possuem corpos com as dimensões apontadas como ideais.”[...] os homens querem ter um corpo mais forte e volumoso e com baixo percentual de gordura [...] as mulheres [...] um corpo mais magro e menos volumoso”.

Tal insatisfação pode levar, em casos extremos, à adoção de comportamentos autodestrutivos como o abuso nas dietas que pode culminar em bulimia e anorexia nervosa. (DAMASCENO, LIMA, VIANNA, 2005).

Já no estudo de Braggion, Matsudo, Matsudo: *Consumo alimentar, atividade física e percepção da aparência corporal em adolescentes* publicado em 2000 “o grupo das

adolescentes que se achavam mais gordas tende a consumir menos energia que os demais grupos”. Foi aplicado um questionário sobre hábitos de saúde com os seguintes itens: ter boas noites de sono, evitar engordar, evitar ter preocupações, não fumar, fazer exercícios regulares, não beber muito álcool, evitar comidas muito gordurosas. Os itens ter boas noites de sono, não fumar e não beber muito álcool foram considerados os fatores mais importantes para uma boa saúde.

Neste tipo de pesquisa deve ser considerado o estilo de vida dos adolescentes. Concluiu-se que “o conhecimento sobre hábitos de saúde não se reflete no comportamento alimentar e de atividade física [...]”. O que compreende uma das funções do profissional de Educação Física, que envolve os conceitos de saúde, aparência corporal, uso de drogas, e as prioridades e conhecimento de crianças e adolescentes.

Outro estudo envolvendo *Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes* de Conti, Frutuoso, Gambardella (2005) tem o objetivo de desenvolver atividades profiláticas para a conscientização da percepção social e pessoal do adolescente e das pressões que está compelido. Desta forma fizeram avaliações físicas e aplicaram a escala de satisfação das áreas corporais. Os autores afirmam que o peso corporal e a aparência estão diretamente ligados.

[...] fatores sociais, influências socioculturais, pressões da mídia e a busca incessante por um padrão de corpo ideal associado às realizações e felicidade estão entre as causas das alterações da percepção da Imagem Corporal [...] Na cultura ocidental, ser magra, para mulher, simboliza competência, sucesso, controle e atrativos sexuais, enquanto excesso de peso e obesidade representa preguiça, indulgência pessoal e falta de autocontrole e força de vontade. (CONTI, FRUTUOSO, GAMBARDELLA, 2005).

Os autores afirmam: “[...] o excesso de peso afeta até o cabelo”. Ou seja, o peso corporal é um fator da aparência muito valorizado, no qual influencia o modo como a pessoa se relaciona com ela mesma e com o mundo. Mesmo aqueles com baixo peso desejam aumentar o tamanho corporal, mas não engordar.

Na questão dos diferentes padrões culturais entre os gêneros os resultados das pesquisas mostram que os meninos estão sendo mais protegidos, pois são estimulados a praticar atividades que desenvolvam outras competências (afetivo-cognitivas e sociais). Já as meninas atividades individuais com finalidade estética e apresentam-se mais vulneráveis ao desenvolvimento e reforço da insatisfação corporal.

Castilho (2001) afirma que “o estereótipo estigmatizante de pessoas com sobrepeso pode afetar de forma negativa suas oportunidades vocacionais e educacionais” (p. 20). A pessoa obesa pode ter um bom desempenho esportivo e/ou se identificar com alguma vertente da cultura corporal. Porém, necessita de estímulos, conhecer e vivenciar a variedade de atividades físicas que pode ser proporcionado pelo professor de Educação Física na fase escolar.

Segundo Castilho (2001), o rótulo auto-aplicado sobre a imagem pessoal influencia no bem estar emocional, no afeto e auto-estima relacionados à sua imagem corporal. “A condição de excesso de peso pode ser tanto um estado mental como um estado corporal.” (p. 20).

Outras questões relacionadas à aparência do corpo muito presente em alguns artigos estudados foram as diversas transformações do corpo e utilização de recursos como roupas, acessórios, piercings e tatuagens.

Esses processos podem ser considerados de diferenciação, linguagem das aparências, ou seja uma informação instantânea, rápida, porém com várias possibilidades de interpretações conforme o olhar do observador. “[...] ‘tatuados’, como um processo interativo, inovador, emotivo e reflexivo, em que o corpo se converte em uma forma de expressão e construção do sujeito” (PÉREZ, 2006).

A dor e as dificuldades causadas pelas modificações corporais não podem ser vistas com ingenuidade [...] a experiência do corpo não existe independentemente da imagem que o constrói enquanto corpo. (TAVARES, 2007, p. 40).

Para Kofes (1986) as pessoas fazem de seu corpo seu espaço possível e expressivo de transgressões e invenções através das tatuagens. Um meio de sobrecodificar o corpo, simbolizar, expressar algo estético ou postural em relação a algo. Portanto, uma forma de linguagem também. -“A linguagem do corpo é importante porque reformula, explicita, coloca questões que às vezes unicamente a fala é incapaz de expressar.” (KOFES, p. 60, 1986).

4.2.2 Imagem Corporal

A imagem corporal pode ser entendida pela imagem mental que construímos de nosso próprio corpo, o modo com que o corpo se apresenta para nós e é percebido e relacionado

com o mundo. Não representa uma imagem estática, pois provém de experiências humanas subjetivas. Ou seja, ela é construída, modificada e reconstruída a todo o momento, durante toda a vida. Envolve vivências, experiências, pensamentos, sentimentos, percepções.

A Imagem Corporal é um tema que vem sendo desenvolvido por alguns autores sob diversas perspectivas. No livro *Imagem Corporal - conceito e desenvolvimento* de Tavares (2003) são preenchidas algumas lacunas conceituais, sendo que muitas das pesquisas atuais utilizam esse termo de forma errônea ou superficial.

Segundo Tavares (2003) a expressão Imagem Corporal é muito empregada por profissionais que tem o foco no corpo humano (professores de Educação Física, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros).

A multiplicidade das direções das pesquisas inclui estudos sobre a aparência do corpo, membro fantasma, distorções de tamanho e forma do corpo, sentimentos em relação ao corpo e efeitos do exercício, entre outros. (TAVARES, 2003, p. 39).

Nossa pesquisa sobre aparência corporal, considerando o desenvolvimento da imagem corporal, será discutida com base em algumas literaturas as quais não se valeram desse aspecto. Muitos dos artigos e livros consultados abordavam uma perspectiva cultural, social e histórica as quais interferem na Imagem Corporal e são interferidas por ela.

Cash (1990) apresenta duas perspectivas que em pesquisas às vezes uma delas é ignorada. A visão exterior das pessoas como objetos sociais (atratividade física, interpessoalidade, desenvolvimento humano) e a experiência subjetiva do indivíduo a respeito da própria estética corporal e atributos físicos (o conceito sobre o próprio corpo, a imagem corporal).

Segundo Tavares (2003) a imagem corporal é um fenômeno multidimensional, dinâmico e integrado no contexto da história de cada um, "[...] é a maneira pela qual nosso corpo aparece para nós mesmos. É a representação mental do nosso próprio corpo [...] se refere ao cerne da identidade do ser humano".

Assim sendo, pensando em aparência corporal, beleza e estética percebe-se que esta imagem "construída" por nós, com efeitos neurológicos, pode influenciar a vida das pessoas e priorizar a estética acima de tudo. Nossa imagem corporal influencia e é influenciada pelos outros e pelo mundo.

As conseqüências psicológicas da busca da beleza, muitas vezes extremamente idealizada e difícil de alcançar, perde os limites e prejudica a saúde. Segundo Cash (1990) beleza não é garantia de uma imagem corporal favorável.

[...] uma pessoa que tem um desenvolvimento satisfatório da imagem corporal vivencia seus movimentos e direciona suas ações no mundo externo de forma conectada com suas sensações corporais, é consciente de muitos aspectos afetivos, sociais e fisiológicos referentes a seu corpo, conhecendo suas possibilidades e aceitando suas limitações corporais. É um processo que ocorre durante toda a vida, podendo ser facilitado ou dificultado por múltiplos fatores, como idade, traumas, intervenções pedagógicas ou terapêuticas, doenças etc. (TAVARES, 2003, p. 86).

Neste contexto percebemos a importância do profissional de Educação Física ter uma imagem corporal bem desenvolvida. Incluindo a aceitação de seu corpo, o respeito ao corpo do próximo e a relação saudável do corpo com o mundo. Assim, o professor terá melhores condições e naturalidade para se relacionar e compreender os outros corpos. Essa relação com a imagem corporal envolve as experiências do professor, suas percepções e conceitos.

A imagem corporal engloba todas as formas pelas quais uma pessoa experiencia e conceitua seu próprio corpo [...] A imagem corporal reflete a história de uma vida, o percurso de um corpo, cujas percepções integram sua unidade e marcam sua existência no mundo a cada instante. Percepções que se concretizam em um corpo. Nossa história é, antes de mais nada, a história de nossas experiências perceptivas. (TAVARES, 2003).

E esta percepção do mundo e do corpo se modifica de acordo com os relacionamentos recíprocos, segundo Tavares.

Na aula de Educação Física as vivências, experiências e percepções do corpo são diferenciadas com relação ao restante das disciplinas. Pretendo contribuir com a percepção do professor de Educação Física para que este consiga planejar sua aula de forma que o grupo como um todo participe, aprenda conteúdos da cultura corporal, desenvolva a imagem corporal, além de intervir em situações desagradáveis muito presentes nas aulas como deboches, comparações em relação ao corpo e ao desempenho, exclusões, os quais são reflexos das relações sociais fora da aula.

Segundo Tavares (2003), o desenvolvimento da Imagem Corporal:

[...] indica aspectos distintos como: aumentar a percepção de partes do corpo; reconhecer

e valorizar as sensações corporais; gostar mais do corpo; ter mais satisfação com o corpo, reconhecer o corpo como ele é realmente; ou descobrir as possibilidades de ação. (TAVARES, p. 79, 2003, grifo nosso).

Todos esses aspectos podem ser mediados pelo professor que conhecer e reconhecer seu aluno como ser individual, e ter a consciência que é possível atingir os alunos com seu trabalho. Assim como, o processo de organização, integração e desenvolvimento da identidade corporal que se dá vinculado à imagem corporal.

Esta identidade corporal pode ser entendida sob vários olhares. Primeiramente, a identidade para si próprio, a forma como a pessoa se "classifica", determina sua natureza ou encontra sua identidade. Considerando a escola um meio borbulhante de tendências e surgimento de "tribos" com suas próprias características por identificação visual coletiva ou individual (na aparência do corpo), por exemplo, conforme suas preferências musicais, estilos e objetivos de vida, ideologias, utilização de acessórios; o cuidado maior nestes casos, é na prevenção de rivalidades que possam existir. Segundo Paul Schilder (1994) a imagem corporal ultrapassa os limites do corpo, incorporando objetos como uma bengala, um chapéu ou uma prótese; acrescento, como qualquer objeto ou acessório utilizado pelos adolescentes ou meios de "individualização da aparência corporal" como penteados, piercings e tatuagens. Portanto, podemos perceber que o objetivo maior é pelo reconhecimento e valorização da singularidade do ser, independentemente de como atingir.

O reconhecimento das qualidades, o sentimento de utilidade e de admiração faz parte do desenvolvimento da imagem e identidade corporal, entretanto todos esses fatores, entre outros, tem ligação direta com a aparência do indivíduo. No entanto, é muito comum as pessoas estarem insatisfeitas com a própria aparência e a todo o momento tentar fazer algo para modificá-la, por gratificação social, satisfação pessoal, cobranças de algum meio social, entre outros. Nesta perspectiva de satisfação corporal com objetivos não somente pessoais, mas também sociais. Para Schilder:

Um corpo é, necessariamente, um corpo entre corpos [...] A palavra "ego" não tem sentido quando não existe um 'tu' [...]. Interessamo-nos tanto por nossa integridade quanto pela dos outros [...]. Não há imagem corporal sem personalidade [...]. (SCHILDER, 1994, p. 243).

4.2.3 Mídia e Sociedade

O rápido e intenso crescimento e diversificação dos meios de comunicação implica como a sociedade pensa o corpo, a beleza, a estética e a aparência corporal. As formas simbólicas como os valores, costumes, hábitos, padrões são transmitidos velozmente. Isso causa grande diversidade de modelos corporais por todo o mundo.

É óbvio que o recente e rápido desenvolvimento dos meios de comunicação não deve ser tomado como causa única de um novo estilo de vida mundial, mas, antes, como consequência das profundas transformações sociais e econômicas ocorridas, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX. Além disso, a mídia, sem dúvida, tem sido a grande divulgadora dessas transformações e de um estilo de vida cada vez mais globalizado. O fato é que, em outras épocas, era mais fácil que hoje considerar o corpo identificador de uma sociedade ou de uma época determinada, ou de um uso específico do corpo por meio de um dado grupo social, ou de características corporais diferenciais entre grupos diversos. (DAOLIO, 2006, p. 56, grifo nosso).

Segundo Daolio (2006) no século XX “a dimensão sentimental tornou-se entretenimento, na busca midiática pelo efêmero, pelo substituível, pela moda, pelos padrões de beleza sempre inatingíveis.” (p. 58). Padrões que além de inatingíveis, modificam-se a todo o momento com auxílio do crescimento dos meios de comunicação acelerados.

Na lógica midiática do mundo contemporâneo, tudo é fugaz e está em constante transformação. A realidade é efêmera, o que anula a autoridade tradicional de fatos e pessoas [...] A mídia transforma a autoridade em celebridade. (DAOLIO, 2006, p. 58).

Segundo Moreno, Polato, Machado (2006) a mídia exerce uma importante relação de difusão dos vários modelos a serem seguidos. Ou seja, “as imagens do corpo, como forma de expressão cultural, impelindo uma incapacidade, por parte das pessoas, em admirar o outro em sua diferença”. Uma incapacidade em admirar o vizinho, o colega de classe ou qualquer outra pessoa sem relação afetiva independente da aparência do corpo ou de qualquer diferença em relação ao próprio padrão.

A mídia desestabiliza, organiza e mantém os sentidos sobre o corpo. Defendendo a idéia de cuidar de si próprio a indústria da beleza garante a materialidade da tendência do comportamento sob uma orientação cultural de consumo.

A valorização do corpo e o apelo ao consumismo são trazidos para a escola, por exemplo, na forma de atitudes, utilização de roupas e acessórios do momento da moda, hábitos alimentares, leitura de revistas para adolescentes as quais possuem apenas pessoas bonitas, famosas e bem sucedidas; e podem acabar incentivando a iniciação sexual precoce, a idealização de um corpo “perfeito” e uma carreira próspera.

Russo (2005) cita o “valor de troca do corpo”, o qual aumenta quanto mais bonito, jovem e em boa forma. Daolio (2006) discute “a utilização do corpo para vender quaisquer produtos” (p. 59, 2006), mesmo que o produto não tenha nenhuma relação com a busca do corpo belo. As mensagens midiáticas combinam felicidade individual com sucesso social.

A mídia reforça a participação do corpo direcionando os produtos para uma vida supostamente mais prazerosa e feliz direcionados a um determinado padrão de beleza e saúde corporal, segundo Daolio (2006).

Na midialização atual “seres perfeitos vendem produtos perfeitos” (RUSSO, 2005), com o objetivo de aumentar o consumo para que o indivíduo mantenha-se dentro das normas sociais, ou mesmo consiga transformar-se para seguir essas normas.

As infinitas possibilidades de modificação da aparência, as novas tecnologias e estudos na área, aliadas aos apelos e idealizações da sociedade moderna intensificam a falsa necessidade de transformação do corpo. “[...] todo aparato comercial de que a sociedade dispõe, criando e recriando novos padrões.” (RUSSO, 2005).

Na era tecnológica dos produtos menores e mais leves com maior eficiência, podemos fazer o paralelo com o tamanho das poltronas, a largura das portas, os meios de transporte cada vez mais aerodinâmicos os quais são confortáveis para os mais magros. Seguindo um padrão de corpo desde os brinquedos, as propagandas, as linguagens e posturas dos profissionais de Educação Física com relação ao paralelo boa forma e saúde, até o cotidiano da sociedade.

A obediência ao sistema forma seres descartáveis, pois o modelo não é estável, se modifica a todo momento, e este ser que anteriormente seguia o modelo de beleza, por exemplo, agora está desatualizado, não presta, pode ser jogado no lixo se não transformar-se.

Segundo Souza (2004) discursos midiáticos vendem beleza, saúde e higiene de maneira fácil, rápida, eficaz (características pós-modernas). Ela questiona se o corpo saudável é

um corpo belo. Então, nesta perspectiva questiona-se o que é ser belo (magro, musculoso, simétrico).

Souza (2004) lembra que produtos *lights* são mais caros; xampus de “melhor qualidade, com promessas e muitas vezes resultados melhores também; as academias de ginástica estão cada vez mais “diferenciadas”, com características específicas do cliente, e pensando em economia o acesso é cada vez mais restrito; cirurgia plástica, torna-se cada vez mais comum, para uma parcela da sociedade que pode pagar. Portanto ser bonito, magro, “saudável” pode se tornar mais caro quando seguimos o consumismo. Podemos dizer que hoje em dia a boa forma vem acompanhada de um certo status social.

Betti (2004) em seu artigo *Corpo, cultura, mídias e Educação Física: novas relações no mundo contemporâneo* mostra exemplos de manchetes de revista e propagandas da televisão cujas temáticas são a busca da beleza através do fitness, da dieta ou do mínimo esforço. Afinal, hoje em dia, existem aparelhos auto-denominados revolucionários (de eletroestimulação, por exemplo) com a propaganda enganosa de poder “fazer o exercício por você”.

Isso é novo não apenas porque propõe uma exercitação muscular sem movimento, mas porque não mobiliza a participação voluntária do sujeito na ativação muscular. Tal proposição contrasta com a concepção de Educação Física para a qual o ‘corpo em movimento’ é o ‘homem em movimento’, mobilizando potenciais físicos-motores, afetivos, cognitivos e sociais. A tradição da Educação Física fica questionada. (BETTI, 2004).

Tudo isso em nome da aparência perfeita, e nós como educadores físicos, muitas vezes, estimulamos e reforçamos essa idéia, mesmo tendo a “tradição da profissão questionada”. Pois a ginástica e o exercício podem não estar associados à saúde ou bem estar, mas a um modelo estético de magreza corporal. Para o esculpimento desse modelo corporal definido pelas mídias (para mulheres e homens) não basta mais somente o exercício (a “malhação”, a ginástica), nem mesmo conjugado com dieta. Exige também a intervenção cirúrgica (lipoaspiração, a cirurgia plástica propriamente dita, as próteses de silicone).

Segundo Daolio (2006) hoje em dia existe um consumo de bens de forma alienada, porém o consumo de determinados bens poderia ser revertido de forma positiva ao indivíduo. Ou seja, buscar uma boa aparência corporal, por exemplo, na forma de atividades

físicas como hábito saudável. Utilizar-se do cuidado, da higiene e da saúde consigo mesmo de forma consciente, segura e saudável.

4.2.4 Satisfação Corporal e Ideais de Beleza

O local, a época e a cultura são alguns fatores que definem qual o padrão de beleza e aceitabilidade social, define as regras do jogo social na intensificação à escravidão do físico.

Segundo Castilho (2001) “A cultura é responsável pelas idéias de beleza [...] variedade de rituais decorativos encontrados pelo mundo” (p. 7), os pés amarrados na China, os cabelos compridos das mulheres, os tipos de maquiagem, acessórios e roupas, as deformações do pescoço pela inserção gradual de anéis, a inserção de discos de madeira nos lábios, a aplicação de jóia nos dentes, os modelos corporais conforme os países ou regiões, demonstram as diferenças culturais.

Portanto, “Seu valor estético depende de seu significado para aquela determinada cultura [...] a biologia não é o destino, e sim, um fato da natureza que entra na lógica de todo sistema social e de toda ideologia cultural” (CASTILHO, p. 7, grifo nosso, 2001).

Neste sentido, o Brasil é regido pela diversidade sócio-geográfica e pelo pluralismo cultural. Uma cultura múltipla, diversa, e complexa. Acreditamos que, talvez por isso, os meios de modificação do corpo sejam tão diversos, modificáveis e utilizados. Um país tropical, onde as vestimentas, o clima, a mídia e o consumo obrigam a sociedade a ter uma boa aparência.

No século XIX encontramos a estética da retidão, “[...] as diferenças corporais eram vistas como desigualdades, tomando-se sempre como padrão a sociedade europeia da época” (DAOLIO, 2006, p. 50). Já no século XX a beleza como estilo de vida passa a ser conquistada (a mente rege o corpo). As roupas achatam a silhueta, as mulheres começam a seguir dietas e exercícios para diminuir o peso.

“O ideal que temos de beleza depende de uma memória anterior, ou seja, ela não nos vem por acaso”. (SOUZA, 2004, p. 32). Do mesmo modo que a vergonha do próprio corpo, privar-se de usar certas roupas para esconder-se, abster-se de freqüentar lugares onde se usa trajes de banho podem ser situações provocadas por experiências anteriores, as quais

causaram constrangimentos e traumas em relação á exposição do próprio corpo. A aula de Educação Física, por exemplo, é o momento mais propício a essas situações dentro da escola.

[...] o homem vive seu corpo não a sua maneira e vontade. Experimenta a todo momento uma aprovação social da sua conduta. O corpo tem que aprender a comportar-se conforme regras técnicas estabelecidas pela sociedade e a beleza corporal também é definida por modelo estético padronizado comercialmente [...] modificado a cada época. (RUSSO, 2005).

As pessoas que não alcançam o padrão desejado sofrem por serem consideradas diferentes, por desejarem ser diferentes ou por serem influenciadas por esse padrão e rejeitarem a si próprio.

Segundo Castilho (2001) “[...] as definições de beleza freqüentemente seguem os estilos de vestir. As roupas escondem certas partes do corpo enquanto expõem outras” (p.4).

[...] ideais de beleza socialmente dominantes que comprometem funções como a movimentação, a respiração, a alimentação, a amamentação, as expressões faciais, a fala, a sensibilidade, o prazer sexual e até mesmo a vida como um todo são comparadas e avaliadas de acordo com um ideal abstrato e universal de ‘bem-estar’ e ‘bom funcionamento’ do corpo [...] diferentes formas de se submeter um mesmo corpo biológico a diferentes ideais de beleza. (TAVARES, 2007, p. 40).

Porém, “O conceito de beleza nunca é estático” (CASH, 1990, p. 84). Thomas Cash apresenta um exemplo:

Ao contrário do cristianismo que desafiou a idéia da beleza como uma unidade da mente-corpo, a concepção grega de beleza incluiu o exterior da pessoa tanto quanto as qualidades internas. O corpo masculino era reverenciado e considerado mais atrativo do que o corpo feminino; em parte porque a beleza incluía a aptidão. (CASH, 1990, p. 85, tradução nossa).

Ferreira (2007) apresenta as idéias de Schilder (1999) as quais afirma que a beleza está ligada as atividades sexuais e sociais, é a “expressão da situação libidinal da sociedade”, ou seja, “um processo de socialização cuja estabilidade pauta-se apenas pelas condições internas à suas próprias transformações”.

O objeto belo provoca os impulsos sexuais sem satisfazê-los, mas ao mesmo tempo permite que todos desfrutem dele. [...] A beleza é [...] desistir das próprias reivindicações em benefício de todos. A beleza é um fenômeno de enorme importância social. (FERREIRA, 2007 apud SCHILDER, 1999, p.335).

“[Q]uando ultrapassamos as fronteiras de nossa cultura, é muito difícil estabelecer padrões de beleza” (FERREIRA apud SCHILDER, 1999, p.296). Em várias bibliografias nos deparamos com tentativas de definições do que é belo conforme um padrão cultural.

Souza, 2004 apresentou a beleza, de forma crítica, como formação de um todo harmônico. “O corpo em atitude *zen* contribui para se ter uma boa aparência. A harmonia contribui com esse efeito de beleza” (p. 215). O corpo leve, livre de estresse e depressão, solto, ou seja, o conceito de beleza é tido como a busca central da felicidade, satisfação, prazer.

A aparência corporal, a beleza e a boa forma estão interligadas à identidade do indivíduo, sua personalidade, integração social, entre outros. Sant’anna faz uma interpretação sobre a “magreza” do outro:

Antigas aversões à magreza convivem sem transtorno com a intolerância à gordura. Especialmente quando o magro é interpretado como um ‘saco sem fundo’, que come tudo vorazmente. Como se o magro fosse mesquinho porque não mostra em seu corpo os resultados de seu grande apetite. Come e não engorda : o cúmulo da avidez. (SANT’ANNA, 2005, p. 22).

Daolio (2006) apresenta a definição da expressão bioascese de Costa como: “processo obsessivo de conquista e manutenção da forma física por meio de intensas sessões em academias de ginástica, busca por clínicas de estética, cirurgias plásticas, preocupação exagerada com alimentação e a compulsão por aquisição de bens”.

Importa hoje o prazer físico, nem que para isso o indivíduo tenha que se sujeitar a certas intervenções cirúrgicas, consumos de determinados produtos e hábitos corporais nem sempre saudáveis. Buscar a longevidade ou a saúde, em outra época, estava a serviço de uma tarefa familiar, social ou religiosa. Hoje a aparência corporal tornou-se fim em si mesma de uma busca individual quase obsessiva. (DAOLIO, 2006, p. 58-59, grifo nosso).

Podemos observar a busca incessante por regimes de pessoas que não são tão gordas, cirurgias plásticas em pessoas jovens, esforços físicos em academias de ginástica que

beiram a obsessão. Sem falar das novas patologias como a bulimia ou a anorexia, doenças inexistentes em outras épocas e que são reflexos diretos dessa preocupação exagerada com o corpo.

Porém, se fosse uma preocupação exclusiva com o corpo, a saúde e o bem-estar as práticas para a busca da boa aparência teriam uma melhor consciência dos limites e a boa forma seria consequência.

4.3 A Aparência Corporal na Escola e na Educação Física

“Do nascimento à morte, nossa aparência física é parte importante do que somos, tanto para os outros quanto pra nós mesmo”. (Castilho, 2001, p. 03).

Aparência corporal implica informação básica e imediata durante uma interação inicial, por isso os julgamentos são efetuados a partir de informações limitadas. Como critérios de julgamento temos: parâmetros pessoais de apreciação do aspecto exterior de relação ao outro, a forma e proporção do corpo, a maneira de se vestir, de gestualizar, a higiene e cuidados corporais, harmonia e equilíbrio dos traços fisionômicos.

A aparência corporal é parte determinante de como nos relacionamos com o outro, com o mundo e conosco. Tem papel importante nas experiências corporais, determina atitudes, sentimentos, interpretações, reações. “[...] a experiência corporal de uma pessoa ‘não está limitada ao domínio da aparência/estética corporal, mas inclui experiências da sensação corporal, função, aptidão física e saúde/doença’”. (TAVARES, 2007, p. 95).

Os sentimentos morais, religiosos, familiares, éticos de outrora foram transformados em preocupação com a aparência, importando mais o *parecer* aos outros do que o *ser*. O outro, que antes era o depositário e o alvo dos sentimentos individuais, passou a ser o avaliador da aparência. O tempo na moral dos sentimentos, antes mais lento e demorado, passou a ser representado de maneira mais veloz, quer pela ambição do lucro, quer pela necessidade de acompanhar ao nível individual as rápidas transformações impostas pelo novo estilo de vida. (DAOLIO, 2006, p.57-58, grifo nosso).

A cobrança da busca da beleza e o julgamento da aparência corporal inseridos na escola influenciam e são influenciada pelas crianças. Elas possuem grandes chances de se tornarem adultos extremamente preocupados com a própria aparência, com consequências muitas vezes, prejudiciais à saúde. As implicações emocionais nas crianças e nos adolescentes são

inúmeros. Acabam não se desenvolvendo nas aulas de Educação Física como poderiam. Se escondem, se excluem, se privam da aprendizagem e da vivência.

[...] contínuo movimentar-se é determinado, em parte, pela busca por satisfações e pelas exigências da cultura. Esta contínua busca é em geral movido por emoções, e assim se decorre a criação de situações onde surge a necessidade de se obter soluções, gerando uma ação. (MORENO, POLATO, MACHADO, 2006).

No cotidiano escolar nos deparamos com as dificuldades de transformar a sociedade. Começando por nossos alunos e os próprios professores, os quais estão imersos no mesmo sistema. A Educação Física, assim como, qualquer outra disciplina ou vertente escolar visa a apreensão dos conteúdos e de formação para a vida.

[...] contínuo movimentar-se é determinado, em parte, pela busca por satisfações e pelas exigências da cultura. Esta contínua busca é em geral movido por emoções, e assim se decorre a criação de situações onde surge a necessidade de se obter soluções, gerando uma ação. (MORENO, POLATO, MACHADO, 2006).

O movimento corporal permite encontrar outro sentido ao que a pessoa compreende sobre si próprio, desenvolvendo um conjunto de práticas com diversas formas e sentidos. O que o corpo pode fazer, até onde ele pode e deve ir. Tudo isso faz parte da relação que o indivíduo constrói consigo e com o outro. Na escola, as práticas corporais planejadas, com fins educacionais são as melhores oportunidades de enriquecer as experiências, aumentar os sentidos e formas de movimentação.

Betti (2004) aput Sérgio (1987) entende a *motricidade humana* como capacidade do ser humano para a transcendência, e como agente e criadora de cultura:

[...] A tradição da Educação Física tem sempre remetido á necessária existência de um *intermediário humano* (o educador, o professor/profissional) entre o *desenvolvimento do ser humano* (o aluno, o atleta, o cliente) e os *estímulos* (o exercício, o movimento, os jogos, o esporte etc.) [...]A Educação Física tem visto o papel desse intermediário humano como *controlador* dos estímulos. (BETTI, 2004).

Ou seja, um educador afim de proporcionar a vivência e apreensão da cultura corporal e a formação completa de seres humanos.

Moreno, Polato, Machado aput Postman (1999) “identifica, no atual contexto social, sinais de desaparecimento daquilo que se conhece como infância, como por exemplo:

crianças se vestem cada vez mais como adultos”. A vestimenta é um fator que faz parte e contribui para a mudança da aparência corporal. As diversas cobranças e importância dada a aparência atingem as crianças cada vez mais cedo.

Considerando a fase da adolescência como um dos momentos muito influenciados pela aparência no contexto escolar, dissertaremos um pouco esta fase conflituosa. Caracterizada pela transição da infância à vida adulta, pelas transformações biológicas e psicossociais, necessidades de obter energia (alimentação) e gastá-la por conseguinte (agitação, descobertas).

Segundo Braggion, Matsudo, Matsudo (2000) a adolescência é o momento em que a pessoa assume um novo corpo de adulto e com ele suas frustrações, portanto perde o corpo infantil; simultaneamente à essa perda toma posse de uma nova identidade corporal.

Os pais e professores podem contribuir para que o adolescente saiba lidar com perdas e ganhos, podendo ser mais difícil para alguns. Os fatores ambientais influenciarão nesse amadurecimento e nessa “confusão” aliada à novos relacionamentos sociais, à conquista de (parte da) independência e responsabilidades.

A falta de vivência, de consciência e de consideração efetiva das informações sobre a importância da alimentação moderada e saudável, e dos cuidados com a saúde e o corpo sobrepõe o desejo de adquirir um corpo belo, um corpo que chame a atenção do sexo oposto e, muitas vezes principalmente, do mesmo sexo, despertando a inveja.

Menciono “consideração efetiva das informações” pois são questões de prioridades, o adolescente tem consciência de que está se alimentando mal, de que é sedentário, só não sabe ao certo quais podem ser as consequências a longo prazo dessa deficiência ou do exagero do exercício físico, por exemplo.

Cabe ao professor de Educação Física, talvez o profissional com mais credibilidade e mais próximo desses adolescentes, intervir e levar à “sala de aula” questões como a alimentação, a atividade física com responsabilidade, os cuidados com suplementos alimentares, esteróides e anabolizantes, enfim, a aceitação de seu corpo e os limites ao cuidar deste.

[...] para se manterem dentro dos padrões de beleza, as adolescentes chegam a omitir refeições importantes [...], acarretando baixo consumo de energia e inadequadas proporções entre nutrientes [...] grande relação com o peso e aparência corporal, assim

como maior frequência de dietas e desordens alimentares (BRAGGION, MATSUDO, MATSUDO, 2000, p.16).

Os níveis de atividade física, seus propósitos e objetivos, estão diretamente ligados aos meios para busca da aparência ideal ou a utilização de outras formas já citadas (dietas, por exemplo), mas esse corpo almejado pode não condizer com a fase de desenvolvimento do adolescente ou com seu porte físico.

[...] as principais barreiras à prática de atividade física entre adolescentes são a falta de equipamentos e de tempo, sendo também motivos de relevância a falta de interesse, auto-disciplina e clima adequado. (BRAGGION, MATSUDO, MATSUDO, 2000, apud FIGUEIREDO JR., 1997).

O texto coloca que nesta fase a atividade espontânea diminui, a qual está relacionado á diminuição do (interesse) brincar e a necessidade de outras formas de socialização, através de academias de ginástica, por exemplo, mas que exige um certo nível econômico. A academia de ginástica é considerado também um lugar onde os adolescentes encontrarão pessoas da mesma idade e com objetivos de fazer amizades e relacionamentos afetivos.

A escola é um importante espaço de transição e mediação da vida. “[...] a educação transmite à criança os modelos de comportamento que prevalecem numa sociedade” (CHARLOT, 1983).

A criança assimila esses modelos imitando o adulto, identificando-se com ele e sofrendo a pressão da sociedade, que reage a toda forma de desvio [...] os modelos de comportamento não são assimilados somente através do contato direto com o meio social. São igualmente objeto de uma transmissão sistemática e mais ou menos racional, sob forma de normas de comportamentos e ideais. (CHARLOT, 1983).

Para Charlot (1983) são “regras explícitas de comportamento” impostas pelos adultos, porém não são os mesmo modelos sociais de comportamento adquiridos por todas as crianças. Ainda para o autor a educação é política, pois transmite sob sua forma explícita ou por intermédio dos modelos de comportamento e dos ideais, idéias políticas da classe dominante.

Nas escolas percebemos comportamentos agressivos e mal-educados de certas crianças. Na maioria das vezes isso se deve á alguma situação vivenciada, trauma ou ao tratamento dos pais. Depende do contexto social no qual o aluno está inserido.

Os diferentes grupos sociais são influenciados e influenciadores na construção e na desconstrução de modelos. Compreendendo a lógica capitalista os grupos dominadores tem principal influência, serve como um modelo ideal. Pensando no modelo da mulher norte americana com seios fartos, por exemplo, é um ideal moderno no Brasil que vem sendo afirmado pela “facilidade” e banalização da colocação de prótese de silicone nos seios através de cirurgias plásticas.

A sociedade compreende grupos diferentes, perseguindo suas próprias finalidades, tendo uma organização interna específica, e elaborando modelos particulares de comportamento [...] O contato da criança com esses modelos varia em função de sua inserção familiar. [...] classes sociais tem concepções diferentes [...] e traduzem essas concepções em seus ideais.(CHARLOT, 1983, p. 15).

Portanto, “A transmissão de modelos e de ideais pela educação não tem, portanto, somente uma significação social, tem igualmente um sentido político”. (CHARLOT, p. 16, 1983).

Toda transmissão de conhecimento é parcial, está inserida num ideal escolar, social, profissional e pessoal que difunde, escolhe o conteúdo e as maneiras de ser abordado. Entendemos que seja importante alguns conceitos e discussões sobre o corpo e a aparência corporal para uma boa formação superior e a conscientização da responsabilidade social.

[...] a educação forma [...] a personalidade para suportar todas as frustrações ligadas à vida social, inclusive as que são engendradas pela injustiça, pela desigualdade e pela dominação de classe. A educação é política na medida em que constrói a personalidade a partir de bases psicológicas que têm uma significação política. (CHARLOT, 1983, p. 17).

Ou seja, obediência, respeito e polidez. Seguindo a lógica social atual, a escola prepararia o aluno a ser persistente na mudança de sua aparência se estivesse insatisfeito seguindo o “padrão” imposto. Porém, em nossa visão a função escolar é justamente o contrário. Formar cidadãos críticos com a realidade apresentada. Lembrando que não somos contra a busca da maior satisfação corporal, principalmente quando esta se dá a partir de exercícios físicos moderados, métodos compatíveis com bem-estar e saúde, e sem maiores desgastes psicológicos.

[...] A classe não deve ser uma reprodução da sociedade real. Deve ser meio social, mas meio ideal, sociedade modelo, sociedade potótipo; deve ser a reprodução do que seria a sociedade se fosse uma sociedade ideal [...] Não é mais a escola que deve ser miniaturização da sociedade, é a sociedade que deve ser amplificação da vida social escolar. [...] a escola pensa trabalhar para a transformação da própria sociedade. [...] A escola nova não prepara a criança para a vida social real, mas para a vida social ideal. [...]. (CHARLOT, 1983, p. 194).

O maior desafio do profissional de educação é olhar criticamente para as situações da escola, como um pássaro que observa de cima, sendo que este também faz parte desta sociedade, porém precisa quebrar paradigmas.

Desde o nascimento a criança aprende como deve “se portar” ou reagir. O corpo rígido e disciplinado está presente na escola, incluindo as aulas de Educação Física e nas horas de lazer. Porém, cada indivíduo, de uma forma ou de outra, sai pra dançar, canta, faz expressão corporal, faz relaxamento, escolhe uma atividade que gosta para “libertar-se” por alguns instantes.

Através da agressividade, do consumo excessivo de álcool e outro tipos de drogas as pessoas podem descontraír de forma excessiva e prejudicial à saúde. O imediatismo do prazer corporal e a busca de sensações inesquecíveis e de prazeres cada vez mais intensos levam os jovens a consumirem drogas (característica do pós-modernismo).

Segundo Kofes (1986), os discursos sobre o corpo multiplicam-se, encarando-o como um espaço de prazer, meio pelo qual se atinge a serenidade, o equilíbrio. O que pode ser comprovado com as evoluções em publicações de artigos, livros e estudos em geral. O interesse por conhecer e cuidar de seu próprio corpo aumenta, assim como, a liberdade sexual.

As relações sexuais despertam mais cedo e são encaradas de uma forma mais natural, com discursos abertos e naturais. Na escola borbulham corpos com desejos e curiosidades sobre o corpo do outro. Ao mesmo tempo quando há rejeição os adolescentes e crianças podem ser muito cruéis deixando marcas no próximo. Tudo é muito intenso. A alegria, quando presente, é a maior do mundo e a tristeza pode parecer muito próxima a estar tudo “perdido”.

A vergonha, a ansiedade, a angústia, a inferioridade e os diversos sentimentos negativos originados com a relação do próprio corpo podem levar a uma falsa ou ausência da significação das aulas de Educação Física.

[...] vergonha é o lugar do juízo alheio. Além disso, ter a consciência da distinção entre exposição e juízo, ou seja, muitas vezes a vergonha pode ser despertada pela simples exposição, sem que acompanhada de juízo negativo por parte dos observadores. Com isso, muitas crianças sentem vergonha por acharem que estão fazendo um juízo negativo a seu respeito. (MORENO, POLATO, MACHADO, 2006).

A vergonha de participar da aula de Educação Física, considerando a exposição de sua aparência corporal, sentimento de inferioridade, seus julgamentos e preconceitos dos outros colegas e até do próprio professor de Educação Física

Conhecemos o clichê: ‘se eu não gostar de mim mesmo em primeiro lugar ninguém irá gostar’. Quem sente vergonha analisa, critica e julga a si próprio. Para julgar o próprio corpo, por exemplo, ninguém melhor do que o seu “dono”.

Porém, isso pode desencadear uma autocensura, pelo sentimento de culpa e vergonha causado pela diferença. A pessoa tem o receio que a condenem inferior. O aluno acaba não se desenvolvendo como poderia, escondendo-se, excluindo-se e privando-se da aprendizagem e da vivência.

Refletir sobre a própria identidade é uns dos fatores determinantes no modo de agir das crianças. Não nos vemos como organismos neutros e objetivos, mas sim como seres dotados de valores. (MORENO, POLATO, MACHADO, 2006).

Os atos são observados e, em partes, naturalmente desencadeados na disciplina de maior “liberdade do corpo”, a Educação Física. Neste momento, em que os alunos levantam das carteiras em fila, saem da prisão das salas de aula e dos olhares atentos de inspetores e professores, os corpos se expõem, junto às suas fragilidades e capacidades, se expressam. E isto não quer dizer que a aula de Educação Física seja um momento de distração, recreação ou intervalo, mas uma disciplina que ensina conteúdos ligados à motricidade humana. Uma disciplina que lida com os diversos tipos de cultura corporal, vivências e emoções.

[...] a escola é concebida por sua complexa diversidade de grupos, etnias, gêneros, demarcado não só por relações de perda, de exclusão, de preconceitos e discriminações, bem como os processos de afirmação de identidades, valores, vivências e cultura. (MORENO, POLATO, MACHADO apud SOUZA, ALTMANN, 1999).

A identidade dos indivíduos influenciam as percepções, relações afetivas, movimentos e personalidade. Interege as condições ambientais, culturais, históricas, sociais e as

experiências do indivíduo com seus aspectos internos. As identidades são recriadas a partir de novos valores (às vezes acima do bem comum, coletivo).

A formação de tribos na escola busca uma uniformidade, que garante segurança ao indivíduo. Há uma identificação entre o grupo, através de imagens, gestos, gostos, atitudes e ideais.

A música “minha tribo sou eu” de Zeca Baleiro (presente no anexo) representa a busca por uma identidade, por um grupo de convivência, um grupo com mesma características e gostos, uma homogeneização do ser. Porém o normal é ser diferente, ser como você é, ter particularidades. Isto serve para a aparência corporal como um todo. A imagem que se mostra e que se é. O intrínseco e o extrínseco.

Na escola conseguimos identificar claramente várias “tribos” de relacionamento. Não só amizades e pessoas que se identificam, mas que são muito parecidas corporalmente e na construção de uma aparência do corpo e no corpo. Os meios para se conseguir essa diferenciação, a agressividade e a rivalidade, muitas vezes, provocada pelos grupos entre si constrói um ambiente pouco saudável no ambiente de ensino.

O início da prática de atividade física somente em busca da estética pela insatisfação com o próprio corpo e a imagem que se faz dele, a nosso ver, pode ser minimizado quando, na escola, a atividade física é tratada de forma natural, sendo uma das obrigações consigo mesmo e com o próprio bem-estar. Assim como, o incentivo da prática por múltiplos olhares, não somente o ideal de beleza. É muito comum nos depararmos com pessoas que estão satisfeitas com seu corpo e por isso não praticam atividade física justificando não precisar.

A boa aparência está relacionada a produção de qualidade e a utilidade desse corpo; corpos feios, defeituosos, “diferentes” não têm utilidade. Mas utilidade para o que e com qual referencial? Não temos definida que utilidade é esta, porém, sabemos que no cotidiano da sociedade as pessoas que não condizem com a aparência esperada acabam se sentindo inúteis, “um zero a esquerda”, rejeitados e mal tratados.

Podemos perceber, por exemplo, o tratamento dado aos alunos pelo professor. A loirinha, de olhos azuis, meiga e delicada é a preferida, a mais bem tratada, a pessoa que pode ir ao banheiro e brincar a hora que quiser. Essas atitudes podem ser sutis no dia-dia, porém acontecem, e os colegas são os primeiros a perceber.

Professores ingênuos são aqueles que acham que as crianças não percebem e não se sentem mal com a diferença de tratamentos. E mais ingênuos são aqueles que dizem não ter preferência. O professor como ser humano se apega e se identifica com certos alunos, muitas vezes tem ligação direta com a boa aparência do aluno, no entanto, como profissional deve ter um olhar de educador a todos que estão sujeitos as suas interferências.

O aluno valoriza o professor, suas opiniões, comandos, atitudes, e qualquer expressão sobre o corpo do aluno, sua performance na aula, ou sobre os padrões atuais de beleza pode acarretar sentimentos de incapacidade e inferioridade nesse aluno. Até mesmo, provocar um desejo exacerbado de moldar-se fisicamente. Por exemplo, com as expressões: “Vamos perder calorias!”, “Corram porque vocês devem ter comido muito no final de semana”.

O professor de Educação Física deve intervir em questões da qualidade de vida, da busca de saúde, porém são delicadas tratando-se, principalmente de crianças e adolescente. As diferenças de peso, os exageros e má qualidade da alimentação, por exemplo, podem ser motivos de chacotas.

A imaturidade faz os alunos terem atitudes maldosas, às vezes sem mesmo ter noção do que isso pode acarretar ao próximo. De forma acadêmica e séria o professor pode se impor e melhorar o relacionamento entre as diferenças numa classe. Assim como conscientizar para a saúde, em contra partida a incentivar a atividade física para “perder calorias” apenas para emagrecer.

Segundo Castilho 2001, os indivíduos avaliam a própria aparência de modo mais negativo que a saúde ou o condicionamento físico. Podemos presumir que dão mais importância a aparência e na maioria das vezes estão descontentes com algum fator. Isso se deve também ao mundo social que a pessoa está inserida:

[...] o mundo social claramente discrimina, especialmente os indivíduos não atraentes, numa série de situações cotidianas importantes [...] Pessoas atraentes parecem receber mais suporte e encorajamento no desenvolvimento de repertórios cognitivos socialmente seguros e competentes. Em contraste, indivíduos não atraentes estão mais sujeitos a encontrar ambientes sociais que variam do não responsivo ao rejeitador e que desencorajam o desenvolvimento de habilidades sociais e de um autoconceito favorável. (CASTILHO, 2001, p.19).

O cotidiano “rejeitador” vai além das aulas de Educação Física, compreendendo o ambiente escolar como um todo, o familiar, enfim, o social. As pessoas discriminadas ou que se

sentem diminuídas frente à turma podem apresentar maiores índices de ansiedade e medo de rejeição social, um fator de risco para patologias psíquicas.

Geralmente, uma turma já chega à aula de Educação Física, com seus grupos de afinidade e de identidade formados, podendo na aula intensificar ou amenizar as divisões entre a sala. Isso depende dos tipos de atividade, da exposição dos alunos e atitudes que ela proporciona. Depende também do controle que o professor possui sobre a classe, podendo ele aceitar ou reprimir atitudes agressivas ou discriminatórias entre os alunos. Uma atitude correta do professor, conscientizando e educando os alunos é um meio para formar cidadãos.

5 Considerações Finais

Nos principais resultados pudemos observar que nas últimas décadas houve um aumento das pesquisas relacionadas à aparência. No entanto, encontramos poucas relacionando a influência da aparência corporal nas aulas de Educação Física. A maioria dos artigos com uma relação mais estreita e pontual de discussões sobre o corpo, a busca da beleza, a aparência corporal e a Educação Física eram nacionais.

Comprovamos que o tema da pesquisa é importante nas práticas pedagógicas em função de alguns aspectos demonstrados a seguir. Os professores e alunos possuem os mesmos valores sociais, o que pode dificultar o processo transformador da educação; sem refletir sobre o assunto o professor pode acentuar os preconceitos e o processo ensino-aprendizagem não se tornar libertador, já que as fragilidades e os potenciais estão expostos nas aulas de Educação Física, sujeitos a sentimentos e julgamentos. A aparência na adolescência pode, muitas vezes, ser considerada mais importante que a saúde, afeição, socialização, qualidade de vida, o que predispõe o educador físico a cumprir seu papel de educador e conscientizar a prática de atividade física saudável, sem obsessão a busca da beleza. Consideramos importante conhecer o estilo de vida e os valores dos alunos, tentando evitar comportamentos autodestrutivos (bulimia, anorexia, abuso de exercícios físicos) conseqüentes da insatisfação corporal e enfatizar a busca do bem-estar. A aceitação social e pessoal e a formação da identidade do sujeito são influenciadas pela aparência corporal e podem influenciar as relações durante as aulas, portanto o profissional consciente desses conflitos consegue lidar melhor com a situação. O professor de Educação Física pode estimular uma pessoa obesa que tem um bom desempenho esportivo, por exemplo, e se priva disto por uma rejeição a sua aparência. Ou seja, ela necessita de estímulos para conhecer e vivenciar a variedade da cultura corporal.

Desta forma, durante esta monografia, podemos assumir que a aparência não é um tema superficial e irrelevante, pois é parte determinante nos relacionamentos com o outro, com o mundo e conosco. A aparência corporal influencia a vida de todas as pessoas, suas relações, seu estado psicológico, sua saúde e qualidade de vida.

Referências Bibliográficas

AZZARITO, L.; SOLMON, M.A. A poststructural analysis of high school students' gendered and racialized bodily meanings. In: *Journal of Teaching in Physical Education*. 2006. Disponível em: <www.scopus.com>. Acesso em: Agosto 2007.

BARROS, D. *Estudo da imagem corporal da mulher: corpo (ir)real x corpo ideal*. Campinas: Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BETTI, M. Corpo, cultura, mídias e Educação Física: novas relações no mundo contemporâneo. In: *Revista Digital EF Deportes*, Buenos Aires, Ano 10, n.79, Dec. 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd79/corpo.htm>>. Acesso em: 09/ 2007

BRAGGION, G.F.; MATSUDO, S.M.M.; MATSUDO, V.K.R. Consumo alimentar, atividade física e percepção da aparência corporal em adolescentes. In: *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, V.8, n.1, p.15-21, Jan, 2000.

BRUHS, H. T. (org.). *Conversando sobre o corpo*. 2.ed. Campinas: Papirus.1986.

CASH, T.F.; CASH, D.W.; BUTTERS, J.W. "Mirror, Mirror, on the Wall...?" Contrast Effects and Self-Evaluations of Physical Attractiveness. In: *Personality and Social Psychology Bulletin*, V.9, n.3, p.351-358. 1983.

CASH T.F.; HRABOSKY J.I. The Effects of Psychoeducation and Self-Monitoring in a Cognitive-Behavioral Program for Body-Image Improvement. In: *Eating Disorders*, V.11, n.4, p.255-270. 2003. Disponível em: <<http://www.ingentaconnect.com>>. Acesso em: Agosto 2007.

CASH, T.F.; LABARGE, A.S. Development of the Appearance Schemas Inventory: A new cognitive body-image assessment. In: *Journal Cognitive Therapy and Research*. V.20, n.1, p.37-50, Feb, 1996. Disponível em: <<http://www.springerlink.com>>. Acesso em: Agosto 2007.

CASH, T. F.; MORROW, J. A.; HRABOSKY, J. I.; PERRY, A. A. How Has Body Image Changed? A Cross-Sectional Investigation of College Women and Men from 1983 to 2001. In: *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, V.72, n.6, p.1081-1089, Dec, 2004. Disponível em: <<http://www.eric.ed.gov>>. Acesso em: Agosto 2007.

CASH, T.F.; PRUZINSKY, T. (Eds.) *Body Images: Development, Deviance, and Change*. New York: Guilford Press. 1990.

CASTILHO, Simone Mancini, *A Imagem Corporal*. Santo André: ESETec, 2001.

CERVELLO, E.M.; JIMENEZ, R.; DEL VILLAR, F., RAMOS, L.; SANTOS-ROSA, F.J. Goal orientations, motivational climate, equality, and discipline of spanish physical education students. In: *Perceptual and Motor Skills*. V.99, n.1, p.271-283. 2004. Disponível em: <www.scopus.com>. Acesso em: Agosto 2007.

CERVO A. L., BERVIAN P. A. *Metodologia Científica*. Rio de Janeiro: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1975.

CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1983.

CONTI, M.A.; FRUTUOSO, M.F.P.; GAMBARDELLA, A.M.D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. In: *Revista de Nutrição*, Campinas, V.18, n.4, Jul./Ago. 2005. Disponível em: <www.scielo.com>. Acesso em: Agosto 2007.

DAMASCENO, V.O., LIMA, J.R.P., VIANNA, J.M., VIANNA, V.R.A., NOVAES, J.S. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. In: *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, V.11, n.3, Mai/Jun, 2005. Disponível em <www.scielo.br> . Acesso em: Agosto 2007.

DAVISON, T.E.; MCCABE M.P. Adolescent body image and psychosocial functioning. In: *Journal of Social Psychology*. V.146, n.1, p.15-30. Fev.2006. Disponível em: <www.isiknowledge.com>. Acesso em: Agosto 2007

DAVISON, T.E.; MCCABE M.P. Relationships between men's and women's body image and their psychological, social, and sexual functioning. In: *Sex Roles*. V.52, n.7-8, p.463-475. Abr. 2005. Disponível em: <www.isiknowledge.com>. Acesso em: Agosto 2007.

DURAN, L.J.; JIMENEZ, P.J.; RUIZ, L.M.; JIMENEZ, F.; CAMACHO, M.J. Nutritional disorders and sport. In: *Archivos de Medicina del Deporte*. V.23, n.112, p.117-125. 2006. Disponível em: <www.scopus.com>. Acesso em: Agosto 2007.

FRANCO, G. R. O., POLONI, R. L. Aspectos da imagem corporal de alunos do ensino médio que mais participam e que menos participam em aulas de educação física. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2005.

GAYA, A. Será o corpo obsoleto? In: *Sociologias*. Porto Alegre, n.13, Jan./Fev. 2005. Disponível em: <www.scielo.com>. Acesso em: Agosto 2007.

HASSANDRA M.; GOUDAS M.; CHRONI, S. Examining factors associated with intrinsic motivation in physical education: a qualitative approach. In: *Psychology of Sport and Exercise*. V.4, n.3, p.211-223. 2003. Disponível em: <http://www.cababstractsplus.org>. Acesso em: Agosto 2007.

HAUSMANN, A.; MANGWETH, B.; WALCH, T.; RUPP, C.I.; POPE, H.G. Body-image dissatisfaction in gay versus heterosexual men: is there really a difference?. In: *The Journal of clinical psychiatry*. V.65, n.11, p.1555-1558. 2004. Disponível em: <www.scopus.com>. Acesso em: Agosto 2007

JACOBI, L.; CASH, T.F. In Pursuit of the Perfect Appearance: Discrepancies Among Self-Ideal Percepts of Multiple Physical Attributes. In: *Journal of Applied Social Psychology*. V.24,n.5 p.379. Mar. 1994. Disponível em: <http://www.blackwell-synergy.com>. Acesso em: Agosto 2007.

KAMINAGA, M. Pubertal development and depression in adolescent boys and girls. In: *Japanese Journal of Educational Psychology*. Japan. V.55, n.1, p.21-33. MAR. 2007. Disponível em: <www.isiknowledge.com>. Acesso em: Agosto 2007.

LÜDORF, S. M. A. *Metodologia da Pesquisa - do projeto à monografia*. Rio de Janeiro: Editora Shape. 2004.

MIRJANA, R.; HUSREF, T.; LOGA, S. The effect of early institutionalization on resolution of Erikson's psychosocial development, the conflict between industry and inferiority in school-age children. In: *Paediatrica Croatica*. V.50, n.2, p.73-78. 2006. Disponível em: <www.scopus.com>. Acesso em: Agosto 2007

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, V.14, n.3, Set./Dez. 2006. Disponível em: <www.scielo.com>. Acesso em: Agosto 2007.

MOREIRA, W.W. (org.) *Século XXI: a era do corpo ativo*. São Paulo. Editora Papirus. 2006

MORENO, B.S.; POLATO A.L.; MACHADO, A.A. O aluno e seu corpo nas aulas de educação física: apontamentos para uma reflexão sobre a vergonha e a mídia, In: *Movimento & Percepção*, Espírito Santo de Pinhal, SP, V.6, n.8, jan./jun. 2006.

MORRISON, T.G.; KALIN, R.; MORRISON, M.A. Body-image evaluation and body-image investment among adolescents: A test of sociocultural and social comparison theories. In: *Adolescence*. V.39, n.155, p.571-592. 2004. Disponível em: <www.scopus.com>. Acesso em: Agosto 2007.

OLIVEIRA, F.P.de; BOSI, M.L.M.; VIGÁRIO, P.S.; VIEIRA, R.S. Comportamento alimentar e imagem corporal em atletas. In: *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, Niterói, V.9, n.6, Nov./Dez. 2003.

PÉREZ, A.L. A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. In: *Mana*, Rio de Janeiro, V.12, n.1, Abr. 2006. Disponível em: <www.scielo.com>. Acesso em: Agosto 2007

QUEIROZ, R. da S.; OTTA, Ema. O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, V.44, n.2, 2001.

RUSSO, R.C.T. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. In: *Movimento e Percepção*, V.5, n.6. Campinas, 2005. Disponível em: <www.unipinhal.edu.br>. Acesso em: Agosto 2007

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*, 2.ed., São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2005.

SANTOS, D.B. *Ideais de mulher: estética, visão de corpo e de relações afetivo-sexuais veiculados pela mídia escrita em revistas direcionadas ao público jovem no contexto brasileiro*. 174p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências de Letras. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto. 2006.

SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

SILVA, I.L. et al. Percebendo o corpo que aprende: Considerações teóricas e indicadores para avaliação da linguagem não-verbal de escolares do 1º Ciclo do Ensino Fundamental. In: *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, V.12, n.45, Out. /Dez. 2004.

SOUZA, A.F.C. *O percurso da beleza através dos séculos: uma análise discursiva*. 2004. 224 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudo da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2004.

STRELAN P.; MEHAFFEY S.J.; TIGGERMANN, M. Self-objectification and esteem in young women: The mediating role of reasons for exercise. In: *Sex Roles*. V.48, n.1-2, p.89-95. Jan. 2003. Disponível em: <www.isiknowledge.com>. Acesso em: Agosto 2007.

TAVARES, M. da C.G.C.F. *Imagem Corporal - conceito e desenvolvimento*. São Paulo: Editora Manole. 2003.

TAVARES, M. da C.G.C.F. (org.). *O Dinamismo da Imagem Corporal*. São Paulo: Phorte Editora, 2007.

TURTELLI, L.S.; TAVARES, M.C.G.C.F.; DUARTE, E. Caminhos da pesquisa em imagem corporal na sua relação com o movimento. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, V.24, n.1, p.151-166, Set. 2002.

TRITSCHLER, K. *Medida e avaliação em Educação Física e Esportes de Barrow & McGee*. 5.ed. Editora Manole. 2003.

<<http://zeca-baleiro.lettras.kboing.com.br/letra/letra/918023/minha-tribo-sou-eu/>>. Acesso em: Agosto 2007.

<www.unicamp.br/bc>. Acesso em Julho 2007.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisa#Pesquisa_bibliogr.C3.A1fica>. Acesso em Junho 07.

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Apar%C3%Aancia>>. Acesso em Julho 07.

ANEXOS

ANEXO: Letra da música “minha tribo sou eu” de Zeca Baleiro

Zeca Baleiro - minha tribo sou eu

eu não sou cristão

eu não sou ateu

não sou japa não sou chicano

não sou europeu

eu não sou negão

eu não sou judeu

não sou do samba nem sou do rock

minha tribo sou eu

eu não sou playboy

eu não sou plebeu

não sou hippie hype skinhead

nazi fariseu

a terra se move

falou galileu

não sou maluco nem sou careta

minha tribo sou eu

ai ai ai ai ai

ié ié ié ié ié

pobre de quem não é cacique

nem nunca vai ser pajé